VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

IMPRESSÃO DE LIVROS NA FORTALEZA OITOCENTISTA: OS FRUTOS DA PRODUÇÃO LITERÁRIA LOCAL

Rafaela Gomes Lima*

O presente artigo possui como tema primordial a produção livreira em Fortaleza durante as três últimas décadas do século XIX, tendo em vista o avanço dos meios educacionais e culturais no citado período.1

Nas últimas décadas do século XIX, o Ceará passou por grandes transformações, que o atingiram em diversas áreas: econômica, de infra-estrutura, social e política. Isso fez com que esse período tenha sido um dos mais marcantes da história do Estado[2].

Houve também avanços a nível cultural, verificados quando do intenso processo de mudanças ocorrido na Província do Ceará, pois segundo Almir Leal de Oliveira

---

* Pós-Graduada em História do Brasil pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA)

1 Acerca desse assunto ver: VIEIRA, Sofia Lerche. **História da Educação no Ceará**: sobre promessas fatos e feitos. – 1ª. ed. reimpr. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. & PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. **Fortaleza Belle Époque:** reformas urbanas e controle social (1860-1930) – 3. ed. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

2 Acerca do modo como se deram essas transformações ver: GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará.** -4. ed. rev. e atual. - Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984. & PONTE. **Op. Cit.**

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Beneficiados pelo incremento das relações de produção que integraram o Ceará à Divisão Internacional do Trabalho como produtor/exportador de algodão, a vida intelectual da cidade passou a ter uma nova dinâmica com o aumento da frequência nos cursos secundários e com a circulação de estudante que chegavam de outros lugares do País, onde realizavam seus cursos superiores. (OLIVEIRA, 2002, p.17)

Essa circulação estudantil que se dava no Ceará, acabou por fomentar a incipiente classe intelectual cearense, a qual já se via no papel de proliferadores dos ideais de civilidade e que passou então a se reunir em associações ou agremiações de cunho filosófico ou literário, como a Academia Francesa, cuja fundação no início da década de 1870 foi um marco na história da intelectualidade cearense e contava com membros como Capistrano de Abreu e Rocha Lima, ou ainda como a Padaria Espiritual, surgida na década de 1890 marcando a vida cultural da Capital e que tinha em suas fileiras nomes como Adolfo Caminha e Antônio Sales. Foi significativa a contribuição desses e de muitos outros nomes para o avanço da literatura cearense e na disseminação das idéias de modernização.

ANTES DO LIVRO, O JORNAL

A chegada dos prelos em boa parte do Brasil foi tardia, isso em decorrência da política da coroa portuguesa que proibia a impressão em sua colônia temendo a proliferação de ideais revolucionários em sua possessão americana. No entanto, a ausência de tipografias durante o período colonial não impedia a prática da leitura, tendo os colonos interessados por livros, que importarem os mesmos de Portugal enfrentando a rigorosa fiscalização da Mesa Censória. Sendo pelos meios legais ou não, várias pessoas, principalmente religiosos, conseguiram manter vastas bibliotecas.[3] Só foi permitida a instalação oficial da tipografia com a chegada da família Real portuguesa em 1808 quando foi fundada a Imprensa Régia que manteve o monopólio da impressão até 1822.[4]

---

[3] EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

[4] HALLEWEL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. - São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

ISBN: 978-85-98711-10-2

O "Ceará (o mais importante partidário de Pernambuco na Confederação do Equador) recebeu seu prelo em 1824, quando Manoel de Carvalho Paes de Andrade trouxe-o de Recife." (HALLEWELL**,** 1985**,** p.121.). Esse movimento de rompimento com o Regime de D. Pedro I espalhou-se por várias províncias do "Norte" do Império capitaneado por Pernambuco. De fato teve no Ceará um grande aliado devido principalmente à atuação da família Alencar cujo um dos membros, Tristão Gonçalves de Alencar se tornou o Presidente da República no Ceará. Era de grande importância para o movimento ter uma maneira eficaz de divulgar seus ideais e realizações e naquele momento essa maneira era através da imprensa, e já estando Pernambuco bem servido nesse quesito era necessário expandi-lo para seus aliados. Tendo em vista os objetivos citados acima o Presidente do Ceará solicita o envio da tipografia ao colega pernambucano, como confirma Perdigão de Oliveira:

> A Typographia foi remetttida a pedido do Presidente Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, pelo presidente da Confederação do Equador, Manoel Carvalho Paes de Andrade. Chegou a essa capital em 1824, vindo acompanhada pelo impressor Francisco José de Salles para manter e dirigir seus trabalhos. Installou-se com a denominação de *Typografia Nacional*. (sic) (OLIVEIRA, 1907, p. 359)

Aquele que entrou para a História como primeiro fruto da imprensa cearense foi o Diário do Governo do Ceará, impresso pela Typografia Nacional, posteriormente chamada Imprensa Nacional ou Typografia Nacional do Ceará. O Diário era um órgão da Confederação do Equador sendo utilizado como veículo disseminador de suas idéias. Tendo por redator o Padre Mororó, um dos líderes da Confederação no Ceará, o periódico teve 19 edições todas no ano de 1824, sendo a primeira impressa em 1° de abril e a última edição, já que não foram encontradas de datas posteriores, em 17 de novembro, sendo as duas últimas edições impressas depois do fim do movimento de 1824 tendo servido de veículo para as idéias imperiais de restauração.[5]

Após o surgimento do Diário do Governo do Ceará e da expansão da atividade tipográfica cearense, um sem número de periódicos passou a circular pela Província e, posteriormente, Estado do Ceará, o Barão de Studart conta aproximadamente 98 jornais

---

[5] BRITO, Jorge. **Diário do Governo do Ceará**: origens da imprensa e da tipografia cearenses. Edição ilustrada. -Fortaleza: Secretaria da Cultura/Museu do Ceará, 2006

ISBN: 978-85-98711-10-2

impressos somente em Fortaleza entre 1823 e 1864.[6] Eram jornais de cunho político, religioso, literário, humorístico, enfim, a palavra impressa passou definitivamente a fazer parte do cotidiano das pessoas, "criando novas redes de comunicação, abrindo novas opções para o povo e também oferecendo novas formas de controlá-lo" (DAVIS, 1990, p.157).

A imprensa então passou a fazer parte do cotidiano da cidade, dando às pessoas (ao menos àquelas que tinham acesso à leitura) novas formas de comunicação, não somente na forma de jornal, mas de panfletos, revistas e certamente, livros. As idéias ganharam mais facilidade de circulação. Os jornais, veículos mais importantes para as comunicações no período, traziam notícias relevantes e não tão relevantes, do próprio Ceará e do restante do Brasil e do mundo, mas não era só isso, era portador de convites, chamamentos públicos, propagandas, ideários políticos, enfim.

Mas as páginas dos jornais acabaram por se tornar também veículos de propagação da cultura, pois durante um bom tempo ainda, ter um livro editado era algo bastante difícil para a maioria dos escritores, sobretudo iniciantes e foi através das páginas dos jornais que muitos autores hoje consagrados fizeram conhecer a si e a suas obras, fazendo com que os chamados folhetins caíssem no gosto do publico e ganhasse grande importância, já que conforme afirmam Lajolo e Zilberman: "esse gênero foi o passaporte da cultura impressa consistiu forma e linguagem por meio das quais a leitura literária ultrapassa as fronteiras restritas de uma burguesia letrada e atinge camadas mais amplas da população urbana". [7]

De fato, vários autores, como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis, dentre outros publicaram romances-folhetins. No Ceará, a iniciação de novos autores "por motivos óbvios teve nos jornais o instrumento principal, visto como os jovens não dispunham de meios para publicar livros" (NOBRE, 1974, p. 108.). Realmente não era fácil o início de carreira de um escritor no Ceará, bem como no restante do país, na maioria das vezes por motivos não tão ligados às questões literárias. Adolfo caminha já afirmou que

---

[6] STUDART, Barão de**. Os jornais do Ceará nos primeiros 40 anos**. Revista do Instituto Ceará, - Fortaleza, t. especial, 1924.

[7] LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita.** Livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 161

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Há quase sempre, direi mesmo sempre, má vontade para os que ousam estrear na literatura sem uma carta, um bilhete da apresentação, uma formalidadezinha diplomática, um pedido afetuoso, alguma cousa de oficial e solene. O poeta deve se mostrar humilde (...). Atualmente é de bom conselho dizer o que se pensa em matéria de política republicana. A política já vai penetrando nos domínios da literatura e das artes. (CAMINHA, 1999, p.29)

Essas questões certamente dificultavam o avanço da literatura no Ceará, mas a expansão das letras cearenses encontrou desde a chegada da tipografia, outro obstáculo, o analfabetismo, que era a regra entre a maioria da população.

LIVROS PARA QUEM? A INSTRUÇÃO PÚBLICA E A PRODUÇÃO DE LIVROS

O processo de inserção definitiva do Ceará e do Brasil no universo da cultura letrada foi prejudicado pela quase que total ausência de políticas educacionais durante o período da Colônia e boa parte do Império, sobretudo no que se refere à educação de primeiras letras.[8] No Ceará, os números referentes à educação são inexpressivos durante boa parte de sua história. Em 1841, por exemplo, existiam "729 alunos nas escolas providas, e 101 meninas nas 4 para o sexo feminino. As aulas de latinidade, sete, com 49 estudantes." (MOACYR, Apud VIEIRA, 2007, p. 106-107).Uma pequena melhora pode ser observada durante o II Império, tanto a nível nacional, quanto provincial, o fato mais marcante para o Ceará no período foi a criação do Liceu em 1845, que vem representar um modelo de escola, sobretudo para os filhos das elites, mas também para aqueles que desejavam diferenciar-se dentro de sua classe.[9] Além do Liceu, outras iniciativas fomentaram o quadro educacional cearense à época, como a criação de novas cadeiras a abertura de escolas particulares e concessão de bolsas de estudo, segundo Thomaz Pompeu em 1860 contavam-se 942 alunos matriculados nas escolas sendo, 1 Liceu com 8 cadeiras secundárias, 8 escolas primárias para meninos e 4 para meninas.[10]

---

8 LAJOLO e ZILBERMAN. **Op. Cit**.

9 Segundo Hobsbawm: "A instrução escolar oferecia, acima de tudo, um bilhete de entrada para as faixas médias e superiores reconhecidas da sociedade e um meio de socializar aqueles que eram admitidos, de modo a distingui-los das ordens inferiores." In: **A Era dos Impérios**. – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998. p. 247.

10 BRASIL, Tomás Pompeu de Souza. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará.** t 2.-Fortaleza, Tipografia B. de Mattos, 1894.(Edição digitalizada em www.books.google.com.br)

ISBN: 978-85-98711-10-2

No entanto, mesmo como esse reduzido número de estabelecimentos educacionais criou-se a possibilidade, sobretudo a partir da década de 1870, de socialização que reforçou laços de classe e uniu mentes moldadas em práticas culturais europeizantes. Também se observa que os jovens que frequentavam as escolas passaram a perceber suas ideias em comum e passaram a se reunir em suas próprias associações. Ou seja, a partir da escola desenvolveu-se toda uma rede cultural, que junto com o avanço material, observado nas décadas finais do século XIX, proporcionou o desenvolvimento de uma classe intelectual na Província.

Era desejo dessa classe, tendo em vista seu ideal civilizador, que parcelas cada vez maiores da população tivessem acesso à cultura e para isso teriam que ter primeiro acesso à alfabetização. Foi com esse pensamento que os membros da Academia Francesa fundaram em Fortaleza a Escola Popular, com a proposta de educar o proletariado e que além das aulas de alfabetização promovia palestras nas quais discutiam os mais variados temas em voga na época. O incentivo à leitura também foi incrementado com a criação dos gabinetes de leitura tanto na capital onde foi fundado em 1875 o Gabinete cearense de leitura, como em cidades do interior tais como os Gabinetes de leitura de Granja, Pereiro, Barbalha, Camocim, Viçosa, dentre outros.[11]

Esse incremento na área da instrução exigiu, desde suas primeiras iniciativas, a presença do livro didático que acabou se tornando um produto importante para o desenvolvimento tipográfico no Brasil, pois

> É na área do livro escolar onde mais cedo se manifesta a exigência de uma produção editorial autóctone, ao menos nos conteúdos, ainda que, inicialmente, os livros sejam impressos fora do país. A carência de livros fez que o Brasil importasse especialmente da França e de Portugal, os seus primeiros compêndios e cartilhas, mas logo tornou-se evidente a necessidade de nacionalização desses livros, especialmente os do ensino elementar.
> (BRAGANÇA, 2006, p. 553-563)

Não era apenas a nacionalização da produção, era um processo até mesmo de regionalização, ou seja, as Províncias passaram a produzir sua própria literatura

[11] BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. T. I. - Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1948.

ISBN: 978-85-98711-10-2

didática[12], a falta de um mercado nacional de livros escolares e não adaptação dos concorrentes estrangeiros aos currículos locais fez com que esse segmento incrementasse a produção regional.

Mesmo sem ser a ideal a política de instrução pública cearense no século XIX ajudou a formar um público leitor proporcionalmente significativo, principalmente após a década de 1870.

PRODUZIDO NO CEARÁ. AS PUBLICAÇÕES DE AUTORES CEARENSES EM FORTALEZA

A popularização do objeto impresso a partir do aumento do número de leitores o transformou em meio de informação, instrução e divertimento, para todos os tipos de pessoas, inclusive aquelas que, devido sua posição social jamais se imaginaram com um livro nas mãos e por conta da expansão editorial, que proporcionou uma diminuição dos custos de produção, puderam ter acesso a esse bem.

O romance era o gênero literário de maior interesse e circulação e os romancistas os autores mais conhecidos, de fato ele foi um dos maiores responsáveis pela ampliação do círculo literário, pois nas palavras de Bourdieu

> Situado em posição intermediária, o romance pode assegurar lucros importantes a um número relativamente grande de autores, mas com a condição de estender seu público bem além do próprio mundo literário (ao qual está limitada a poesia) e do mundo burguês (como é o caso do teatro), ou seja, até a pequena burguesia ou mesmo, por intermédio especialmente das bibliotecas municipais, até a "aristocracia operária". (BOURDIEU, 1996, p. 134.)

Sendo assim, a chegada dos livros a uma parcela maior de público através, sobretudo da popularização do romance, gerou a ampliação do circuito dos livros e da leitura fomentando um mercado cada vez mais promissor, tanto para quem editava como para quem escrevia e no Ceará não seria diferente.

É inegável que o século XIX viu o grande salto das letras cearenses não só em quantidade, mas, também, em qualidade. Observa-se então o aumento do número de autores, não só de romancistas ou poetas, mas daqueles que detinham algum

[12] HALLEWEL. **Op. Cit**

ISBN: 978-85-98711-10-2

conhecimento que acreditavam merecia ser compartilhado, como médicos professores e profissionais de mais diversas áreas, e viram na palavra impressa uma oportunidade para isso.[13] O século XIX promoveu o triunfo do autor, aqueles que se destacavam alcançavam fama, respeito, eram homenageados, tudo em virtude do sucesso de suas publicações.

No entanto, nem todos podiam chegar a esse status, como já fora dito anteriormente, ter um livro impresso não era tarefa das mais fáceis ou das mais baratas. Vários obstáculos se punham diante do aspirante a escritor, desde a falta de interesse de um editor pela obra até a real ausência de recursos financeiros para financiar a publicação, aqueles que não se deparavam com segunda das situações citadas podiam ir direto a uma oficina tipográfica e pagar pela edição de seu texto manuscrito, mas obviamente esses eram a exceção, a maioria ou desistia ou ficava à mercê dos editores, como mais uma vez afirma Adolfo Caminha ao dizer que

> Incontestavelmente uma das causas que muito influem no ânimo de nossos escritores, obrigando-os ao recolhimento, à vida obscura de autores inéditos, a uma espécie de ascetismo literário duas vezes prejudicial, roubando-lhes o estímulo e amesquinhando-lhes o talento, é o monopólio, a ganância, a desenfreada ambição do elemento editor. (CAMINHA. 1999.p. 119)

Mas, mesmo diante dos obstáculos a produção livreira no Ceará tomou corpo e as publicações se multiplicaram. Tomando como exemplo para fins estatísticos o Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel pode-se perceber, mesmo tendo em vista um número não muito grande de obras publicadas no Ceará, que houve um significativo aumento no número de publicações pois na década de 1860 aponta três títulos, quais sejam: *Ensaio estatístico da Província do Ceará*, de Tomás Pompeu, de 1863; *Eclogas de Virgílio(traduzidas na língua portuguesa literalmente, palavra para uso dos principiantes)*, sem autor, de 1866; e *Esboço histórico sobre a Província do Ceará pelo Dr. Pedro Teberge*, de Pedro Teberge, de1869. Já a década de 1890 apresenta dezessete publicações[14], o que comprova o fato

[13] Cf. DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. & DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**: sociedade e cultura no início da França moderna. - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

[14] **Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel**. Fortaleza: SECULT, 1982. São citados nesse artigo apenas os livros cuja primeira edição se deu no Ceará.

ISBN: 978-85-98711-10-2

de que o processo de modernização pelo qual passou o Ceará a partir da década de 1870 favoreceu também o seu desenvolvimento artístico e cultural. Certamente os números de publicações não foram somente estes, mas como já foi dito, trata-se apenas de um exemplo para demonstrar esse aumento.

Durante quase todo o século XIX a figura do editor se confundiu com a do livreiro.[15] Esse, inteirado do mercado, sabendo do gosto do público tendo por base a observação de suas vendas, sabia quais títulos e temas que eram mais vendidos e assim tinha razões para escolher esse ou aquele autor para editar já tendo a certeza do lucro.

Dentre esses livreiros - editores cearenses merecem destaque Joaquim José de Oliveira e Gualter Silva, que viram no mercado das letras um ótimo negócio, primeiro importando esses bens, muitas vezes atendendo aos pedidos de fregueses e, posteriormente editando aquelas obras de mais sucesso, sobretudo os romances nacionais e estrangeiros. A livraria Joaquim José de Oliveira & Cia. estava sempre repleta de novidades e que eram constantemente anunciadas nos jornais, muitas delas vindas do Rio de Janeiro ou mesmo direto da Europa chegando ao movimentado porto de Fortaleza. Já Gualter Silva

> atuou não só como comerciante livreiro, mas em alguns momentos exerceu atividades de editor. Em 1884, levou para o prelo a sexta edição do livro Catecismo da diocese do Ceará. Na década de 1890, publicou o romance A fome (1890) de Rodolfo Teófilo, assim como a segunda edição da obra Lendas e canções populares (1892) de Juvenal Galeno. (SILVA, 2009, p.39-40)

Desde o surgimento da primeira oficina tipográfica em Fortaleza em 1824, esse tipo de estabelecimento passou a fazer parte do cenário da cidade, tendo muitas delas funcionado por muito tempo, como a Tipografia Brasileira, a Cearense, a de Paiva e Cia. Eram responsáveis pela impressão de jornais, documentos governamentais e certamente, livros, que a partir do fim do século passaram a ser um produto abundante nesses locais. Segundo o Almanaque do Ceará, no ano de 1899 fortaleza contava com 9 tipografias, 8 oficinas de encadernação e 4 livrarias, ou seja, a cidade estava

[15] SILVA, Ozângela de Arruda: **Pelas rotas dos livros**: circulação de romances e conexões Comerciais em Fortaleza (1870-1891). Dissertação (Mestrado em História e Teoria Literária). Campinas, SP: [s.n.], 2009.

ISBN: 978-85-98711-10-2

completamente dotada de equipamentos que possibilitavam a expansão da produção e da comercialização do objeto impresso.

Dentre as tipografias, aquelas que mais se destacaram por imprimir obras de autores cearenses estão a Universal, de propriedade de Cunha Ferro e Cia., responsável pela impressão dos livros da Padaria Espiritual e alguns do Centro Literário, e a Studart, de Guilherme Studart. Ao menos 16 obras constantes da Biblioteca da Padaria foram impressas na Universal e algumas delas chegaram a ter edições esgotadas como *Flocos* de Sabino Batista e *Versos diversos* de Antônio Salles, outras obras de destaque foram *Chromos*, de Xavier de Castro; *Phantos*, de Lopes Filho; *Os Brilhantes* e *Maria Rita*, de Rodolfo Teófilo, *Trovas do Norte*, Antônio Salles e *Dolentes*, livro póstumo de Lívio Barreto. Já do Centro Literário se teve acesso aos livros *Myrtos*, de Themistocles Machado e *Prismas*, de Rodrigues de Carvalho.[16]

Diante disso, observa-se que os grêmios literários além de promover a disseminação de uma cultura literária – ampliando o circuito de debates sobre o tema, inclusive possibilitando o acesso a ele das camadas mais inferiores da população urbana incentivando assim o hábito da leitura – ainda fomentou a produção livreira na Capital, pois seus membros não só discutiam literatura como também a produziam e queriam deixar seus nomes como autores, pois a maioria dos membros da Padaria, do Centro, da Academia Francesa, tiveram obras publicadas. Romances, poesias, livros de História como os de Capistrano de Abreu, de Critica literária tais como *Crítica e literatura*, de Rocha Lima[17], enfim, esses homens de letras fizeram o possível para deixar as suas letras escritas e lembradas.

No entanto, o campo editorial ainda era restrito, o que fragilizava essa atividade e mesmo com as diversas realizações no campo educacional ainda havia um longo caminho até se formar uma sociedade de leitores, mas mesmo com limitações foi possível a inserção do Ceará no circuito dos livros, desde a produção até as mesas de

[16] As informações acerca da data de publicação, a editora, bem como a tipografia responsável pela impressão dos livros foram retiradas diretamente das obras mediante análise das mesmas que se encontram disponíveis para consulta no setor de Obras Raras da BPGMP. Tomaram-se por base apenas os exemplares de primeira edição.

[17] O livro de Rocha Lima foi publicado no Maranhão

ISBN: 978-85-98711-10-2

leitura e debate que passaram a fazer parte do cotidiano fortalezense nos últimos decênios do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almanaque Administrativo Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará. 1899. Confeccionado por João Câmara. Typografia Universal. 1899.

BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. T. I. - Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1948.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. - São Paulo: Companhia das letras,1996.

BRAGNÇA, Aníbal. **A transmissão do saber, a educação e a edição de livros escolares.** In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves. Política, nação e edição*:* o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. S. Paulo: Annablume, 2006

BRASIL, Tomás Pompeu de Souza. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará.** t 2.- Fortaleza, Tipografia B. de Mattos, 1894.(Edição digitalizada em www.books.google.com.br)

BRITO, Jorge. **Diário do Governo do Ceará**: origens da imprensa e da tipografia cearenses. Edição ilustrada. -Fortaleza: Secretaria da Cultura/Museu do Ceará, 2006.

CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias**. - Fortaleza: Edições UFC, 1999.

Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Fortaleza: SECULT,1982.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**: sociedade e cultura no início da França moderna. - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense**. - Fortaleza, Gráfica Editorial cearense, 1974.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará.** -4. ed. rev. e atual. - Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984

ISBN: 978-85-98711-10-2

HALLEWEL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. - São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Impérios**. – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita.** Livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991;

OLIVEIRA, João Batista Perdigão de. **A imprensa no Ceará**. Revista do Instituto do Ceará. T. 21, 1907.

PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. **Fortaleza Belle Époque:** reformas urbanas e controle social (1860-1930) – 3. ed. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

SILVA, Ozângela de Arruda: **Pelas rotas dos livros**: circulação de romances e conexões Comerciais em Fortaleza (1870-1891). Dissertação (Mestrado em História e Teoria Literária). Campinas, SP: [s.n.], 2009

STUDART, Barão de**. Datas e factos para a história da Ceará.** Edição fac-símile – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. v. 3

_____. **Os jornais do Ceará nos primeiros 40 anos**. Revista do Instituto Ceará, - Fortaleza, t. especial, 1924.

VIEIRA, Sofia Lerche. **História da Educação no Ceará**: sobre promessas fatos e feitos. – 1ª. ed. reimpr. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.